

O afeto catalisador

Quanto mais grave a condição esquizofrênica, maior será a necessidade que tem o indivíduo de encontrar um ponto de referência e apoio. Tanto melhor se esta primeira forma de contato for se tornando uma relação de amizade.

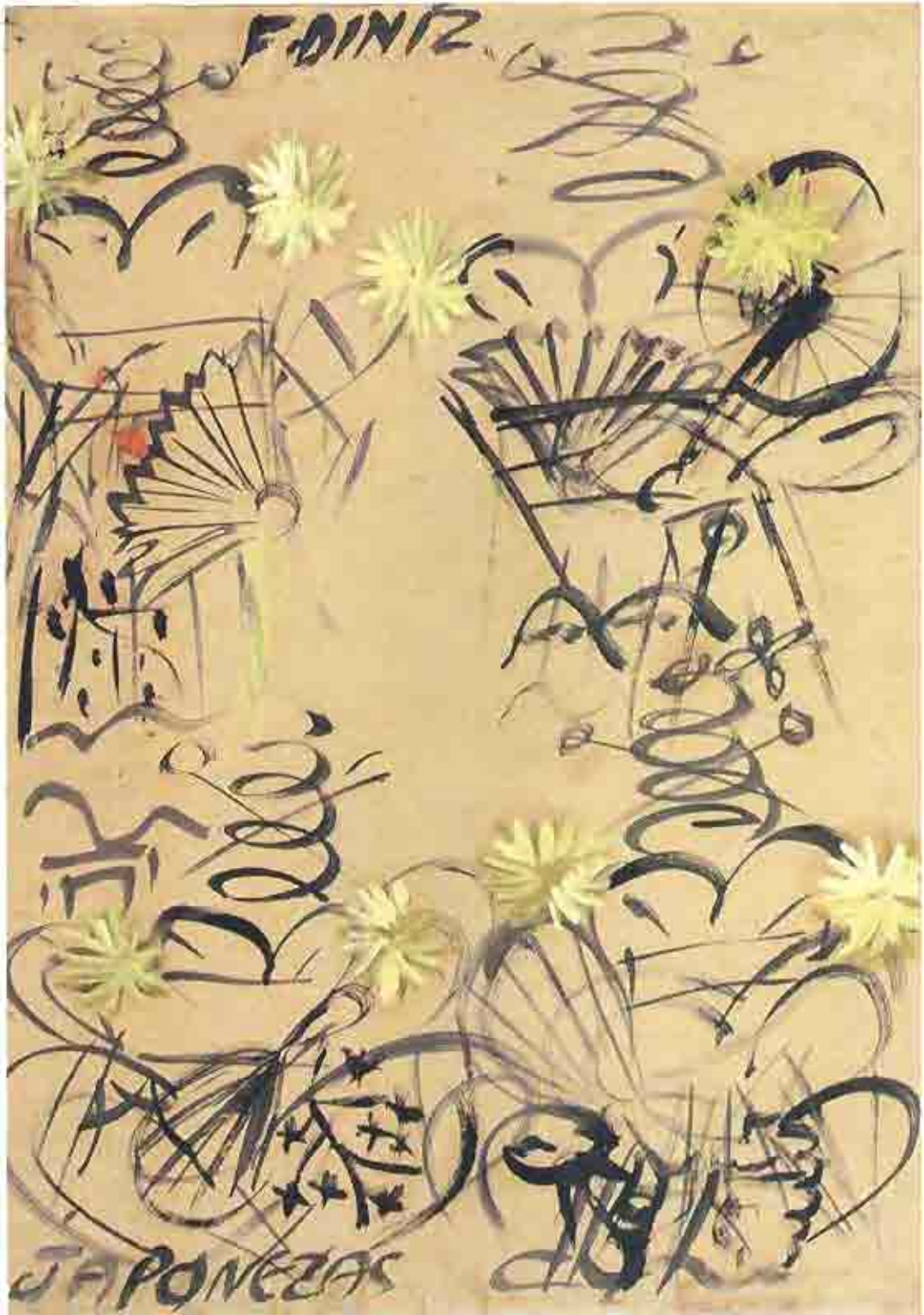
Fernando regrediu por motivos adversos. Durante longo período suas pinturas foram garatujas caóticas. Sem dúvida tratava-se de um crônico, com mais de 15 anos de internamento, em “estado de deterioração” ou de “demenciação” na terminologia tradicional.

Mas impressionava em Fernando a fixa crispação de angústia de sua face. Foi tentada então a experiência de colocar uma monitora com função exclusiva de permanecer a seu lado no atelier. A monitora, funcionava como uma espécie de catalisador, não intervinha, não opinava sobre as pinturas. Apenas ficava ali, silenciosa, numa atitude de interesse e simpatia por qualquer coisa que ele fizesse, mesmo suas espessas garatujas.

Não tardou que a situação se modificasse. Para surpresa de todos nós Fernando começa a retirar do caos onde estava mergulhado, figuras que se iam aos poucos configurando em temas japoneses. E o mais curioso é que a série da japonesa caracteriza-se pela delicadeza do desenho e leveza das cores, em contraste com a maneira habitual de Fernando pintar — pinceladas espessas e cores fortes. Esta temática parecia estranha. Mas logo se esclareceu quando Fernando disse à monitora, que ela parecia uma japonesa. E, de fato, olhos levemente rasgados, Aparecida tem distantes semelhanças com o tipo japonês, logo apreendidas por Fernando. Distantes, mas suficientes

para ajudá-lo a transpor ao outro lado do mundo, o Japão, a inacessível mulher amada que estava tão perto.

*Fernando Diniz
33,9 × 47,5cm
óleo sobre papel
1968*



O relacionamento com a monitora levou Fernando a contato muito melhor com o ambiente. Não só catalisou a coordenação de funções psíquicas e construção de sínteses em torno do tema da japonesa, como religou-o ao mundo externo. Nesse período pintou uma série de paisagens ao ar livre, que refletem bem de perto o mundo real.

A volta à realidade depende em primeiro lugar de um relacionamento confiante com alguém, relacionamento que se estenderá aos poucos a contatos com outras pessoas e com o ambiente.

Nise da Silveira

*Fernando Diniz,
47,5 × 75,6cm
óleo sobre tela
1970*



Temas míticos

Foi a freqüente reversão, na esquizofrenia, a formas arcaicas de representação, que me fez primeiro pensar na existência de um inconsciente não apenas constituído de elementos originariamente conscientes, que tivessem sido perdidos. Mas que possuísse também um estrato mais profundo, de caráter universal, estruturado por conteúdos tais como os motivos mitológicos típicos da imaginação de todos os homens.

Os mitos são expressões simbólicas de dramas internos, inconscientes, que revelam a natureza da psique.

C.G. Jung

O tema mítico de Dafne

Apolo apaixonou-se pela ninfa Dafne, filha do Rio Ladão e da Mãe Terra. Ela se esquivava, mas o deus não aceita ser recusado. Apolo persegue Dafne. Fugindo sempre, a ninfa busca refúgio junto de sua mãe, a Terra, que a acolhe e a metamorfoseia em vegetal.

Por estranho que pareça, Adelina, modesta mestiça do interior do Estado do Rio, reviveu o mito da ninfa grega Dafne. Numa situação conflitiva, ela se rendeu e disse: “Eu queria ser flor.”

O mito de Dafne exemplifica a condição da filha que se identifica tão estreitamente com sua mãe, a ponto dos próprios instintos não lograrem desenvolver-se.

É nos mitos que se acham condensadas e polidas em narrativas exemplares as imaginações criadas pela psique quando vivencia situações típicas muito carregadas de afeto.

Nise da Silveira

*Adelina Gomes
48,1 × 33,0cm
guache sobre papel
1955*



O tema mítico de Dionisos

Nos profundos e intrincados labirintos da psique vivem ainda os deuses pagãos. Dois mil anos de cristianismo representam apenas a superfície. Pesquisas arqueológicas e pesquisas psicológicas são trabalhos paralelos feitos em áreas diferentes.

Dionisos manifesta-se em nítidas imagens sob múltiplos aspectos de sua natureza dual — jovem e velho, bissexuado, animalesco, orgiástico, frenético, o inventor do vinho, dom deste deus aos homens para ajudá-los a provar, embora fugazmente, a euforia da embriaguez e até mesmo o êxtase religioso.

Carlos Pertuis
45,7 × 37,6cm
óleo sobre tela
1959



O tema mítico do Sol

Nos últimos anos que precederam a morte de Carlos suas pinturas giraram cada vez mais em torno do tema mítico do Sol.

Ressaltam, entre estas imagens, figuras masculinas de grandes proporções providas de coroa e outros atributos divinos bastante próximos de descrições de Mitra, deus indo-persa, dadas por seus adeptos.

Mitra é um deus solar e herói cujo mito narra a dolorosa procura da consciência que o homem de todos os tempos vem representando sob mil faces.

Carlos Pertuis
36,5 × 55,3cm
lápiz cera sobre cartolina
1975



Através de longos percursos na escuridão, tal como aconteceu a Carlos, surge, como um fio condutor, fio tênue que às vezes parece ter-se partido e ter sido tragado pelo abismo, o “Princípio de Horus”, isto é, o impulso para emergir das trevas originais até alcançar a experiência essencial da tomada de consciência.

O princípio de Horus rege todo o desenvolvimento psicológico do homem e é tão forte na sua aparente fraqueza, que se mantém vivo mesmo dentro do tumulto da psique cindida, por mais grave que seja sua dissociação.

Esta afirmação resume toda a minha experiência de 40 anos no hospital psiquiátrico.

Nise da Silveira

*Carlos Pertuis
51,2 × 41,9cm
lápiz cera sobre cartolina
1975*



Que é a ruína esquizofrênica?

Os loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospícios sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas — que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana.

Antes que se procurasse entendê-los, concluiu-se que tinham afetividade embotada e a inteligência em ruínas. Hoje está demonstrado que mesmo após longos anos de doença a inteligência pode conservar-se intacta e a sensibilidade vivíssima. E aqui estão para prova os nossos artistas: Emygdio, internado há 25 anos; Raphael, doente desde os 15 anos de idade, ambos sob o diagnóstico de esquizofrenia.

Nise da Silveira

Uma das funções mais poderosas da arte — descoberta da psicologia moderna — é a revelação do inconsciente, e este é tão misterioso no normal como no chamado anormal.

As imagens do inconsciente são apenas uma linguagem simbólica que o psiquiatra tem por dever decifrar. Mas ninguém impede que essas imagens e sinais sejam, além do mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, constituindo em si verdadeiras obras de arte.

Mario Pedrosa

Emygdio de Barros é talvez o único gênio da pintura brasileira. Um gênio não é pior nem melhor que ninguém. Com respeito a ele não há termo de comparação: um gênio é uma solidão fulgurante, ultrapassa as medidas e as categorias. Não é possível defini-lo em função de escolas artísticas, vanguardas, estilos, metiê. Com relação a Emygdio podemos afirmar que raramente alguma obra pictórica foi capaz de nos transmitir a sensação de deslumbramento que recebemos de seus quadros.

A pintura de Emygdio não reflete a experiência humana no nível da sociedade e da história. A ruptura com o mundo objetivo precipitou-o numa aventura abismal, em que o espírito parece quase perder-se na matéria do corpo, afundar-se no seu magma. E é daí, desse caos primordial, que ele regressa, trazendo à superfície onde habitamos, com suas imagens fosforescentes, os ecos de uma história outra, que é também do homem, mas que só a uns poucos é dado viver.

Ferreira Gullar

Raphael Domingues
50,0 × 33,3cm
óleo sobre papel



Em Raphael dá-se a fusão desses dois elementos supremamente desinteressados: o jogo e o ornamento.

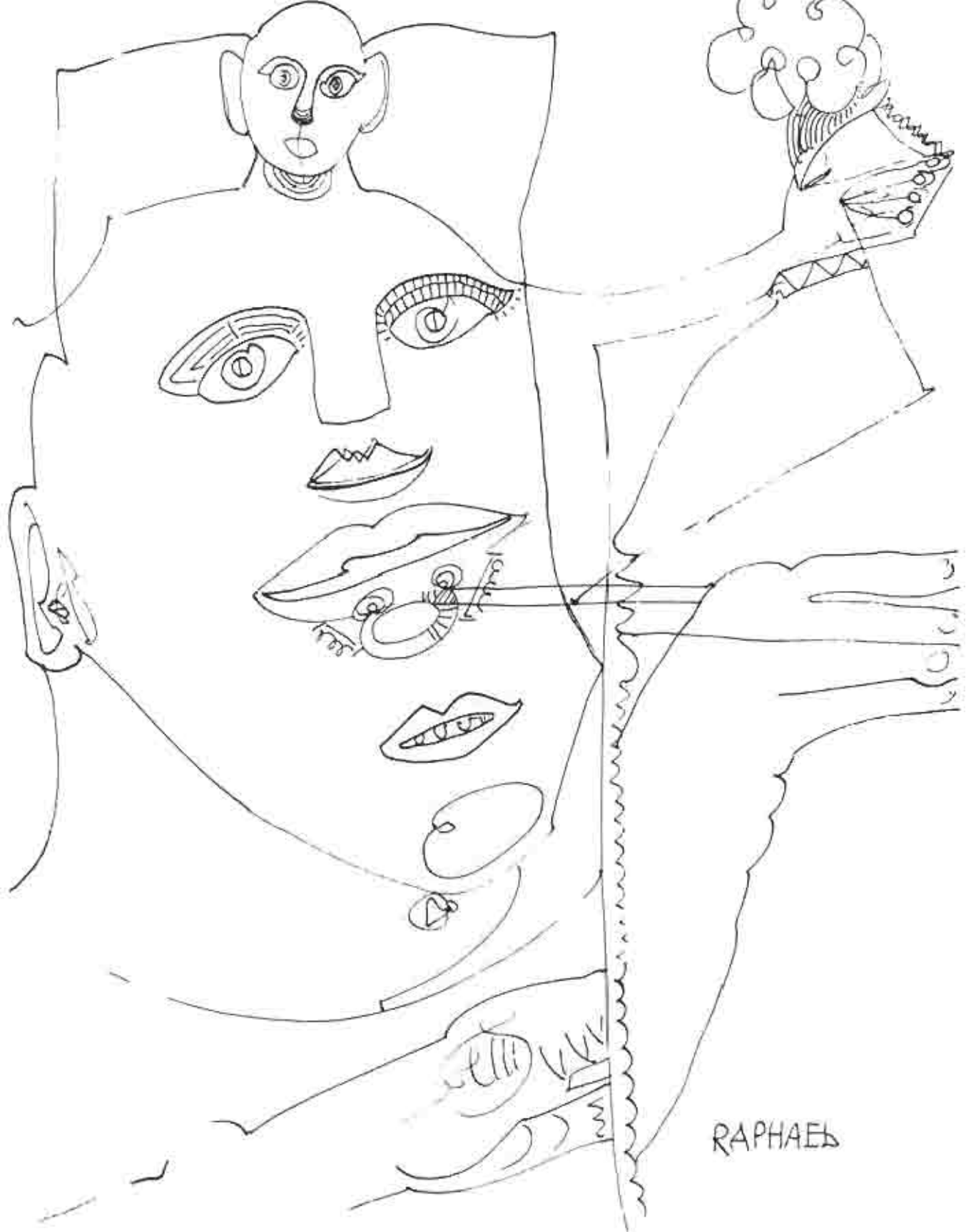
Sua linha é a projeção de uma mímica gratuita. Obedece a um ritmo misterioso que não nasce na tela nem se limita ao plano da composição. É afirmação pura. Não tem assunto, morrendo e nascendo ali mesmo, sem outra finalidade que a de realizar-se em pureza, em graça, harmonia, finura.

Nunca o misterioso “como” da elaboração da forma foi mais concretamente visível do que em Raphael, pois nele é que se percebe de que profundezas da personalidade vem ela.

Que fez o destino a um ser extraordinário como Raphael? Tentou expulsá-lo da vida, trancando-lhe de saída a mocidade. Engenho de Dentro, felizmente, recolheu os seus restos de personalidade, permitindo que ele ao menos fizesse uso de parte de seu aparelho de percepções. E o que com este fez é sem par na história da criatividade humana.

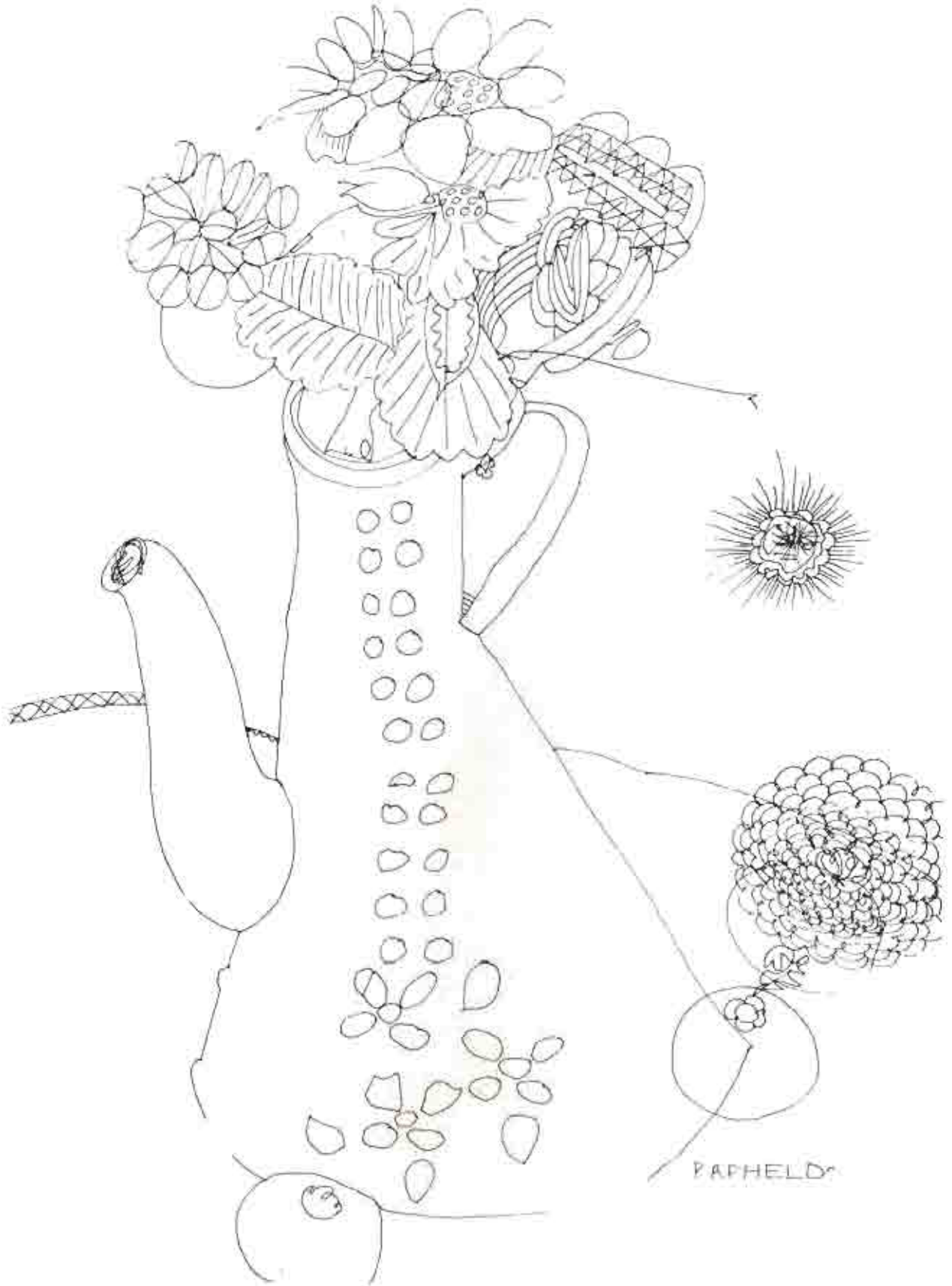
Mario Pedrosa

*Raphael Domingues
48,0 × 31,7cm
bico de pena sobre papel
1949*



RAPHAEL

Raphael Domingues
48,0 × 31,6cm
bico de pena sobre papel



40 anos de experiência em terapêutica ocupacional

A terapêutica ocupacional que utilizamos é intencionalmente diferente daquela empregada de hábito nos nossos hospitais. Desde o início nossa preocupação foi de natureza teórica, isto é, a busca de fundamentação científica onde firmar estrutura para a prática da terapêutica ocupacional.

Nosso objetivo era fazer da seção de terapêutica ocupacional um campo de pesquisa onde diferentes linhas de pensamento se encontrassem e se pusessem à prova. Essa idéia fracassou completamente.

Nem na teoria, nem na prática, nosso plano de trabalho encontrou ressonância favorável. Nossa orientação quebrava velhos preconceitos, e era demasiado ambiciosa, pretendendo que a terapêutica ocupacional fosse aceita, se corretamente receitada, de acordo com a realidade pessoal de cada doente, como um legítimo método terapêutico e não apenas uma prática auxiliar e subalterna.

Qual seria o lugar da terapêutica ocupacional no meio do arsenal constituído pelos choques elétricos que determinam convulsões pelo coma insulínico, pela psicocirurgia, pelos psicotrópicos que aprisionam o indivíduo



A Seção de Terapêutica Ocupacional desenvolveu-se progressivamente até instalar 17 núcleos de atividades



Todas as atividades estimulavam a capacidade de expressão de seus frequentadores



Oficina de encadernação onde se realizou uma pesquisa sobre a capacidade de aprendizagem do esquizofrênico

numa camisa de força química? Um método que utilizava como agentes terapêuticos pintura, modelagem, música, trabalhos artesanais, logicamente seria julgado ingênuo e quase inócuo. Valeria, quando muito, para distrair os internados ou para torná-los produtivos em relação à economia dos hospitais.

Por que a terapêutica ocupacional, adequadamente orientada, não teria um papel a desempenhar, no tratamento de esquizofrênicos, como modalidade de psicoterapia?

Este método, se utilizado com intenção psicoterápica, seria mesmo o mais viável para aplicação individualizada nos hospitais públicos sempre superpovoados.

A experiência em Engenho de Dentro demonstra a validade da terapêutica ocupacional tanto no campo da pesquisa do processo psicótico quanto na prática do tratamento.

Desde 1946, quando foi iniciada a nova fase da terapêutica ocupacional começaram as tentativas de produzir mudanças no ambiente hospitalar, pequenas que fossem, por intermédio da terapêutica ativa.

A comunicação com o esquizofrênico, nos casos graves, terá o mínimo de probabilidades de êxito se for iniciada no nível verbal de nossas ordinárias relações interpessoais. Isso só ocorrerá quando o processo de cura já se achar bastante adiantado. Será preciso partir do nível não verbal. É aí que se insere a terapêutica ocupacional, oferecendo atividades que permitam a expressão de vivências não verbalizáveis por aquele que se acha mergulhado na profundidade do inconsciente, isto é, no mundo arcaico de pensamen-



Festa junina no Odilon Gallotti dirigida pela Dr.^a Alice Marques dos Santos, entusiasta da terapêutica ocupacional



O museu surgiu dos ateliers de pintura e modelagem instalados em situação de igualdade ao lado de vários outros setores. Essas atividades revelaram-se de grande interesse científico por permitirem menos difícil acesso ao mundo interno do esquizofrênico, sempre tão hermético

tos, emoções e impulsos fora do alcance das elaborações da razão e da palavra.

Dentre as várias atividades ocupacionais verificamos que pintura e modelagem permitiam mais fácil acesso ao mundo interno do esquizofrênico. E este é o nosso principal objetivo não só como um problema teórico mas também necessário ao tratamento, uma vez que teríamos que encontrar a atividade adequada à condição psíquica em que se encontra o indivíduo.

Além disso já havíamos verificado, desde 1948, que pintura e modelagem tinham em si mesmas qualidades terapêuticas, pois davam forma a emoções tumultuosas despotencializando-as e objetivavam forças auto-

curativas que se moviam em direção à consciência, isto é, à realidade. Foi por estes dois motivos: compreensão do processo psicótico e valor terapêutico, que da Seção de Terapêutica Ocupacional nasceu o Museu de Imagens do Inconsciente, inaugurado em 20 de maio de 1952, numa pequena sala.

O método de trabalho no museu consiste principalmente no estudo de séries de imagens. Isoladas parecem sempre indecifráveis. Com surpresa verificar-se-á então que nos permitem acompanhar o desdobramento de processos intrapsíquicos.

Pinturas de um mesmo autor, tal como os sonhos, se examinadas em séries, revelam a repetição de motivos e a existência







Inauguração das novas instalações do Museu de Imagens do Inconsciente em 1956. Na foto os professores Henry Ey, Ramon Sarró, Lopez Ibor. Doutores Pierre Le Gallais e Nise da Silveira. Representantes do Ministro da Saúde e da Embaixada da França. Já naquela data, segundo escreveu o Professor Lopez Ibor, o Museu "reunia uma coleção artística psicopatológica única no mundo".

de uma continuidade no fluxo de imagens do inconsciente. Não raro verifica-se que essas séries contêm significações paralelas a temas míticos. Isto porque a peculiaridade da esquizofrenia reside na emergência de conteúdos arcaicos que configuram fragmentos de temas mitológicos.

Essas pesquisas de paralelos históricos têm importância tanto teórica quanto prática. A tarefa do terapeuta será estabelecer conexões entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional que está sendo vivida pelo indivíduo.

O trabalho no atelier revela que a pintura não só proporciona esclarecimentos para compreensão do processo psicótico mas constitui igualmente verdadeiro agente terapêutico. É uma constatação empírica, repetidamente verificada no nosso atelier.

As imagens do inconsciente objetivadas na pintura tornam-se passíveis de uma certa forma de trato, ainda que não haja nítida tomada de consciência de suas significações profundas. Retendo sobre cartolinas fragmentos do drama que está vivenciando desordenadamente, o indivíduo dá forma a suas emoções, despotencializa figuras ameaçadoras.

O Museu de Imagens do Inconsciente, nas palavras de Mario Pedrosa, "é mais do que um museu, pois se prolonga de interior a dentro até dar um atelier onde artistas em potencial trabalham, criam, vivem e convivem.

Ali, de início, se foi reunindo ao acaso todo um grupo de enfermos — esquizofrênicos — tirados do pátio do hospício para a Seção de Terapêutica Ocupacional, desta para o atelier, do atelier para o convívio, onde passou a gerar-se o afeto e o afeto a estimular a criatividade."

Mostrando em incontáveis documentos as vivências sofridas pelos esquizofrênicos, bem como as riquezas de seu mundo interior invisíveis para aqueles que se detêm apenas na miséria de seu aspecto externo, o trabalho realizado no Museu de Imagens do Inconsciente aponta para a necessidade de uma reformulação da atitude face a esses doentes e para uma radical mudança dos tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos.

Apesar da vitalidade que a Seção de Terapêutica Ocupacional infundia ao Centro Psiquiátrico e do reconhecimento internacional do museu, a psiquiatria brasileira não os acatava com seriedade.



Participação do museu no II Congresso Internacional de Psiquiatria, Zurique, 1957. C. G. Jung inaugura a exposição brasileira. Examinou com vivo interesse as imagens arquetípicas pintadas espontaneamente num hospital de terra tão distante

Por esse motivo a Seção de Terapêutica Ocupacional e o museu não têm personalidade definida dentro da Dinsam — Divisão Nacional de Saúde Mental — apesar do decreto do Presidente da República Jânio Quadros, nº 51.169, de 9 de agosto de 1961, que institui a Seção de Terapêutica Ocupacional e de Reabilitação (STOR) incluindo-a entre os órgãos centrais do Serviço Nacional de Doenças Mentais do Ministério da Saúde.

Anos depois o Ministro da Saúde Mário Machado de Lemos, impressionado com uma visita feita ao museu, baixou a Portaria nº 319/BSB de 22 de novembro de 1973, com a mesma finalidade. A Portaria nº 319, à semelhança do Decreto Presidencial nº 51.169, nunca foi posta em vigor.

Em 5 de dezembro de 1974, a fundação da Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente (SAMII) constituiu acontecimento de grande importância para o museu, diremos mesmo, para sua sobrevivência. A SAMII resultou da aproximação, centralizada pela educadora Zoé Noronha Chagas Freitas, de um grupo de pessoas altamente qualificadas que mostravam interesse pelas atividades do museu.

A Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente vem dando constante ajuda ao museu pela participação em projetos de trabalho que envolvem: acondicionamento do acervo, restauração e conservação de obras, exposições, publicações, audiovisuais, filmes, etc. Essas realizações se devem muito à eficiente atuação de seus respectivos presidentes: Eduardo Portella, Aluísio Magalhães, Anna Letycia Quadros. Esses projetos têm contado com o apoio do Ministério da Saúde e de outros órgãos públicos tais como Ministério da Cultura, Finep, Funarte, Rio-Arte.

A grande onda obscurantista que invadiu a psiquiatria atual através dos neurolépticos fabricados em doses crescentes pelos laboratórios multinacionais foi sufocando o exercício das diferentes atividades criadoras



Desde julho de 1968 funciona como atividade do museu um grupo de estudos que tem por principal objetivo o acompanhamento do processo psicótico através de imagens apresentadas em exposições semestrais ou anuais

que caracterizavam, no seu largo sentido, os setores ocupacionais, aprisionando o doente numa verdadeira camisa de força química. E ainda mais, essas altas dosagens produzem sintomas característicos de uma grave doença neurológica: a síndrome parkinsoniana.

Assim, foram varridos do hospital os vários setores ocupacionais da STOR. Apenas conseguimos segurar o atelier de pintura, origem do museu, e algumas oficinas de apoio anexas às atividades plásticas.

Os propalados efeitos curativos dos psicotrópicos são ilusórios. Diminuem o tem-

po de internação, mas o número de reinternações não se modificou. O objetivo de todo tratamento psiquiátrico não pode mais continuar sendo a transitória remoção de sintomas, meta característica do modelo médico.

A complexidade de condições psíquicas ainda muito mal conhecidas, que se afastam das linhas ditas normais, transbordam do modelo médico e levam ao estudo, aberto por Artaud, dos diferentes estados do ser, segundo demonstram os temas desta exposição.

Nise da Silveira (1987)

EXPOSIÇÃO: *OS INUMERÁVEIS ESTADOS DO SER*

PATROCÍNIO

*Ministério da Cultura
Ministro Celso Furtado*

*Secretaria de Difusão e Intercâmbio Cultural
Secretária Vera Pedrosa
Secretária Marisa Ricupero*

REALIZAÇÃO

*Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente
Presidente Anna Letycia Quadros*

APOIO

*Ministério da Saúde
Ministro Roberto Santos*

*Centro Psiquiátrico Pedro II
Diretor Dr. Manoel da Paixão Santos Faustino*

*Museu de Imagens do Inconsciente
Diretor Dr. Luiz Fernandes Barbosa*

AGRADECIMENTOS

*Dr. Manoel da Paixão Santos Faustino
Dr. João Maurício de Araújo Pinho
Edison Sossai
Paulo Camargo
Martha Pires Ferreira
Jan Peze
ESTA S.A. (Empresa Saneadora Territorial Agrícola S.A.)*

ORGANIZAÇÃO E MONTAGEM

Supervisão Científica
Dr.^a Nise da Silveira

Curadoria
Anna Letycia Quadros
Luiz Carlos Mello

Coordenação
Gladys Schincariol de Mello

Consultores
Ferreira Gullar
Humberto Franceschi

Equipe do Museu de Imagens do Inconsciente

Eurípedes Junior
Oedilma Neves
Vicente Mourthé
José Palhano
Agenor Pereira da Conceção
Haroldo Aquino
Sonia Regina Pereira
Lucia Maria Bisaggio Soares

Equipe do Paço Imperial

Diretor: *Paulo Sérgio Duarte*
Programação: *Vera Siqueira*
Montagem:
Ana Lucia Gonçalves
Érika Fernanda Denincasa
Fátima Contursi
Lídia Smoleanschi

Divulgação
Angela Pecego

CATÁLOGO

Projeto Gráfico: *Vera Roitman*

Editor: *Luiz Carlos Mello*

Fotografia e Consultoria: *Humberto Franceschi*

Revisão: *Joaquim da Costa*

Arte Final: *Álvaro Henrique Dias da Rocha*

Impressão: *Imprinta*

Fotolito: *Estúdio Gráfico Fotolito e Editora Ltda*

Apoio Cultural



IBM Brasil

Museu de Imagens do Inconsciente
Hospital Pedro II
R. Ramiro Magalhães 521 — Tel.: 592-3242 — ramal 196
Engenho de Dentro — Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Impresso em maio de 1987

